

15. O medo da responsabilidade

O medo não se aninha no que nos ameaça, mas em nós mesmos; é um sentimento que investe o "eu", como uma barreira em frente à realidade que chama. A realidade, e Deus através da realidade, chama o "eu" a sair, chama o "eu" a responder, se mostrar, como depois do primeiro pecado, o Senhor vem ao jardim para chamar Adão: «Mas o Senhor Deus chamou o homem, e disse-lhe: "Onde estás?" E ele respondeu: "Ouvi o barulho dos vossos passos no jardim; tive medo, porque estou nu; e me escondi"» (Gen. 3,9-10).

O medo é algo que vem a mudar o sentimento de si, o sentido do próprio "eu": "Tive medo, porque estou nu". Não é a falta de roupas a fazer Adão sentir-se nu, pois até então nunca tinha imaginado que o corpo deveria vestir-se. É o medo que lhe confere uma sensação de si propensa a se esconder, a não se mostrar, a não se *apresentar*, a não dizer "Eu!" no momento em que Deus o chama. Adão teme a responsabilidade a qual sua pessoa é chamada.

No mesmo Capítulo XXIII de *Os noivos*, certamente o mais comovente de todo o livro, há uma outra pessoa que sai da multidão, mas para reencontrar um "Eu" responsável: o Inominado. Desceu de seu castelo para se encontrar com o Cardeal Federigo Borromeo, primo de S. Carlos, pois se deixou despertar por um chamado misterioso a desejar uma liberdade nunca experimentada. O chamado veio através de seu coração inquieto, através do encontro com Lucia, no som festivo dos sinos, ouvido do fundo do vale, ao ver as pessoas irem ao encontro do Cardeal.

Quando chega na casa do pároco local, onde estava hospedado o Cardeal Federigo Borromeo, a pequena multidão de sacerdotes reunida na sala de espera, o recebe com medo e o distanciam:

«O capelão moveu-se, dizendo a si mesmo: "não há remédio: todos estes santos são obstinados."»

Aberta a porta, e olhando para a sala onde estavam o senhor e a brigada [*notemos que o grupo de sacerdotes se tornou uma "brigada", como se estes fossem os delinquentes e não mais o Inominado*], os viu reunidos em um ângulo [*estavam presos no medo*], a bisbilhar e olhar acompanhando com olhos aquele, deixado sozinho em um canto. Foi até ele; e, e observando-o como podia, com o canto dos olhos, pensava quantas armas poderiam estar escondidas debaixo daquele casaco; e que, realmente antes de fazê-lo entrar, deveria ter proposto pelo menos... mas não sabia como [*o medo do outro sempre nos faz acreditar que esteja armado contra nós, e todo o perigo está nele; por exemplo hoje nos aeroportos e em todos os lugares públicos, estamos atentos para desvendar algum terrorista nas pessoas em nossa volta*]. Aproximou-se e disse: – Monsenhor espera vossa senhoria. Contente-se de vir comigo. – E precedendo-o entre aquela pequena multidão [*sempre retorna este termo*], que imediatamente abriu o caminho, olhava a direita e esquerda, que significava: o que quereis? Não sabeis que [*o Cardeal*] sempre faz como quer?"» (Parece ouvir alguns comentários sobre Papa Francisco...).

E de fato, o Cardeal tem uma identidade, é um "eu" que não teme, que *existe*, e por isso está aberto, sem defesas, desarmado diante da realidade, do chamado proposto por Deus através das circunstâncias e encontros: "Apenas introduziu o Inominado, Federigo foi a seu encontro, com uma face prestativa e serena, e com os braços abertos, como para uma pessoa desejada".

E Federigo confessa a Inominado que sua vinda, se era para ser uma alegria, na verdade a sente como uma reprovação. De fato, percebe que ele deveria ter respondido primeiro ao pedido de caridade pastoral, que aquele homem representava há muito tempo para si, seu Bispo:

"Oh! – Disse: – que visita preciosa! E quanto devo ser grato por um desfecho tão bom; embora seja, para mim, uma pequena reprovação!

- Reprovação! - Exclamou o cavaleiro atordoado, mas acalmado pelas palavras e ações, feliz pelo Cardeal ter quebrado o gelo e iniciado uma conversa qualquer.

- Certamente, é uma reprovação para mim, - retomou este, - que deixei ser precedido por vós; quando, durante tanto tempo, muitas vezes, deveria ter vindo até vós".

Não resisto a citar mais um trecho deste capítulo de *Os noivos*, no qual Manzoni retrata o encontro entre um "eu", que está renascendo na própria identidade do desejo do bem, do bom, de Deus, isto é, um "eu" redimido, e a autoridade de um "eu" na plena maturidade responsável pela caridade, uma maturidade do "eu" que é fecunda, e gera o "eu" do outro. A identidade de Borromeo educa a identidade do Inominado, deste homem sem nome, sem identidade, cheio de ódio e vergonha de si mesmo, isolado pelo medo semeado em torno a si. O Cardeal *educa* no sentido etimológico do termo: *e-ducere*, conduzir fora, fazer sair o "eu" do isolamento de si.

"Os dois permaneceram alguns instantes sem falar, parados por motivos diferentes. O Inominado, que tinha ido mais obrigado por uma agonia inexplicável que por um plano estabelecido, permanecia quase por imposição, despedaçado por duas paixões opostas: o do desejo e da esperança confusa de encontrar um refrigerio para o tormento interior, e por outro lado um aborrecimento, uma vergonha de estar lá como um arrependido, um submisso, um miserável, a se declarar culpado, a implorar um homem: e não encontrava palavras, e nem as procurava. Porém, elevando o olhar à face daquele homem [*o que nos tira do emaranhado de sentimentos e ideias, que o orgulho e medo cultivam em nós é sempre um encontro, encontrar o outro, sair de nós mesmos para viver em relação, mesmo com um olhar, descobrir quem somos no olhar de quem nos ama, de quem ama a beleza verdadeira em nós*], se sentia, cada vez mais, penetrado por um sentimento de veneração imperiosa e ao mesmo tempo suave que, aumentando a confiança aliviava o despeito, e sem ter o orgulho diante, o abatia e, diria, lhe impunha o silêncio [*o homem que tem realmente autoridade, liberta o "eu" da máscara redutora e sufocante do orgulho, infundindo confiança no outro, tornando filho que se deixa gerar por um pai*].

A presença de Federigo era do tipo que mostra superioridade e se faz amar [*é a autoridade de um pai, que gera a verdade de nós mesmos, o antídoto seja para o autoritarismo moralista seja para e o antiautoritarismo de 1968*]. A postura era naturalmente composta, e quase involuntariamente majestosa, não encurvada nem relapsa pelos anos; olho grave e vivaz, a fronte serena e pensativa; com cabelos grisalhos, a pele pálida, entre os sinais da abstinência, meditação, fadiga, uma espécie de prosperidade virginal [*a virgindade é a beleza fértil dos que amam sem possuir, sem consumir o outro, mas concedendo de existir, de ser si mesmo, como outro, como identidade irreduzível de nós mesmos*]: todas as formas da face indicavam que, quando jovem, existiu o que propriamente se chama beleza; [*mas Manzoni se apressa em elencar os fatores e experiências que educam e formam uma beleza bem mais profunda e consistente*] o hábito de pensamentos solenes e benevolentes [*são os pensamentos segundo Deus que Jesus pede a Pedro*], a paz interior de uma longa vida, o amor dos homens [*o amor do homem enquanto homem; o estupor e estima diante do humano*], a alegria contínua de uma esperança infável [*a alegria contínua, portanto constante, a cada momento, porque o coração não consome o objeto de seu prazer, mas o possui no desejo de esperança infável, de uma esperança que não se pode exprimir com palavras, e por isso enche de silêncio*], substituíram uma, diria, quase beleza senil, destacada ainda mais naquela magnífica simplicidade de púrpura."

Quanto precisamos da genialidade e da inspiração de páginas como esta! Para reencontrar o sentido de nosso "eu", do "eu" de cada homem, que não seja mortificado, alienado, censurado, mascarado pelos falsos padrões de identidade, os quais somos bombardeados, cujo ar está cheio, como quando passa uma nuvem tóxica que não se vê, mas entra em nós e faz enlouquecer nossas células, para levar à morte do humano!